



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGEO



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

A “REVISTA AGRÍCOLA, ÓRGÃO DA SOCIEDADE SERGIPANA DE AGRICULTURA” E A ESTRATÉGIA DA PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CAMPO EM SERGIPE, 1905-1908: "por em *commun* as 'luzes' e experiências"

Fabrcia de Oliveira Santos

Universidade Federal de Sergipe
Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as
Políticas de Reordenamentos Territoriais/GPECT
fabrciase@gmail.com

Alexandrina Luz Conceição

Orientadora e Professora do NPGEO – UFS
Líder do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e
as Políticas de Reordenamentos Territoriais – GPECT
aluz@oi.com.br

Introdução

A Tese “*A Revista Agrícola, Órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura*” e a estratégia da produção e organização do campo em sergipe, 1905-1908: “por em *commun* as ‘luzes’ e experiências” desvelou uma leitura do discurso da/na Revista Agrícola, órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura (SSA) a partir da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. Leu a Revista a partir do convulsivo *locus* de transição política do período imperial para o republicano, das mudanças na organização do trabalho, e seus efeitos na reestruturação do campo e da cidade. A Revista foi concebida como um mecanismo que corroborou no ordenamento discursivo para o campo sergipano, iniciado em 1860, com o Imperial Instituto Sergipano de Agricultura (IISA), consolidado com a sua edição durante quatro anos de 1905 a 1908. A Revista analisada não foi a única revista brasileira editada no recente regime republicano com a proposta de reunir informações para minimizar problemas relacionados ao campo, mas foi uma das primeiras editadas no Brasil e ligada a um anseio anterior da classe agrícola sergipana desde 1860, de apresentar uma discussão teórica sobre o meio rural de forma a coadunar-se com a prática efetiva. A Revista foi considerada, no dizer de Mikhail Bakhtin (2008), uma referência, obra que diz sobre um signo ideológico e seu contexto, neste caso, para entender alguns liames da produção do espaço agrário sergipano, apesar dos quatro anos de sua veiculação, porém, o seu conteúdo, apresenta rastros de cerca de três décadas

anteriores sobre as questões envolvidas na produção do campo sergipano, assim como anuncia o delineamento do espaço agrário dos anos seguintes.

Metodologia

Para a análise de produção de um pensamento geográfico (MORAES, 1991) sobre o campo sergipano a partir da leitura do conteúdo da Revista foram necessários alguns procedimentos. Primeiro, entender o periódico como fonte e como objeto de estudo; o(s) discurso(s) que veiculava. Um discurso geográfico, não no sentido etimológico do termo – de estudo do espaço, mas um discurso “sobre um território” (ESCOLAR, 1996, p. 51), não uma denominação precisa de abordagem geográfica no sentido de sua definição enquanto disciplina, mas, entender que:

A história social do pensamento geográfico pode ser uma história do discurso acadêmico, de certas perspectivas teóricas e suas articulações, de estratégias protocolares, de práticas corporativas políticas etc., mas também pode ser, uma vez que é fundamento ideológico e proposta de legitimação científica institucionalizada a história da organização estatal (nacional) do território” (ESCOLAR, 1996, p. 141).

Em segundo, desvelar esse discurso como parte inerente da produção capitalista do espaço (HARVEY, 2006) que se espalhava no contexto vigente no sentido, de como os discursos integram, a espacialização do capital, sobretudo, de forma sutil e legitimadora, intelectual e com conotação científica:

A história do capitalismo pode ser pensada, então, como uma história da efetiva apresentação em cena dos territórios nacionais excludentes e inclusivos. Uma história material de construções e rupturas, uma história ideológica de lutas pela hegemonia de classe na nomeação simbólica do território e a soberania essencial da nacionalidade estatal moderna. (...) produziu-se uma modalidade discursiva em que a descrição pormenorizada e asceticamente política do território formava uma só entidade com a história oficial da nacionalidade. Era crucial, nesse caso, não vincular explicitamente a exposição substantiva de fatos geográficos e acontecimentos históricos, com os conflitos latentes, internos e externos ligados à hegemonização estatal dos territórios exclusivos de cada Nação. O discurso, em consequência, deveria apropriar-se passivamente dos conteúdos, sem explicitar politicamente suas origens e cimentando, na neutralidade metodológica de suas intervenções, a cientificidade legítima do enfoque (ESCOLAR, 1996, p. 120).

A escolha da fonte para estudo, um periódico – uma revista ocorre a partir da tomada do seu discurso como objeto de análise, compreendendo esta fonte como uma ferramenta de divulgação de uma Sociedade Agrícola. Apenas uma das fontes sobre os discursos do/para o Estado na produção do espaço brasileiro, uma vez que essa questão é quase infinita, mas com

um objetivo teórico a desvelar “um sentido e natureza ideológica” dessa questão, a partir de um documento situado em um tempo e um espaço.

A abordagem da Revista foi fundamentada na filosofia da linguagem bakhtiniana. Uma análise que prevê “transportar-se para o próprio terreno onde foi recolhida a cultura que produziu e contém uma obra, onde ela foi concentrada e interpretada literariamente” (BAKHTIN, 2008). O autor afirma que uma obra é insubstituível quando se penetra na essência mais profunda de uma questão, quando contém uma unidade interna dos elementos heterogêneos de um tema, de forma que se constituiria uma referência¹.

Na Tese, a Revista Agrícola (SSA) de Sergipe foi concebida como uma referência. A partir do pensamento de Bakhtin (2008, p. 380), e seu critério para seleção de uma obra para análise, a Revista, do começo ao fim teria saído do próprio centro da vida da época, na qual os autores eram participantes ativos testemunhas interessadas. Ela contém um vocabulário específico que cria e/ou veicula uma linguagem (BAKHTIN, 1997), um *locus*, uma proposta de unidade de pensamento em um tempo/espaço histórico, figurando essa obra como um objeto de estudo. E, a Revista em si, figura também como um tipo de mercadoria que passa a ser veiculada no contexto analisado (SILVA, 2005; COHEN, 2008).

Os discursos presentes na Revista foram analisados como uma enunciação de outrem unida a um contexto por relações dinâmicas, complexas e tensas (BAKHTIN, 1997), o que possibilita questionamentos sobre o porquê da publicação dessas informações, e em que medida tecem configurações discursivas sobre o espaço agrário sergipano, como também analisar os discursos e contra discursos presentes nas notícias do campo situando-as na dimensão de sua polifonia, em cada época, em que cada grupo social tem o seu repertório nas distintas formas da comunicação sócio-ideológica.

A Revista Agrícola (SSA) de Sergipe pode ser considerada como uma fonte possível de leitura para o pensamento geográfico. Uma fonte inserida em um projeto de produção de uma linguagem unificada para/sobre o meio rural. O olhar ordenador do intelectual, do cientista que mensura o meio, a natureza, classificando-a (PRATT, 1996, 67). A imprensa como um suporte de linguagem da classe dominante², é uma das formas de apresentar suas ideias:

[...] toda classe dominante é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos os membros da sociedade, é

¹ A obra de referência constitui-se como marco na produção de um discurso, na veiculação de um tema.

² O conceito de classe dominante é aqui compreendido como a classe que tem à sua disposição os meios materiais de produção e as ideias.

obrigada a dar às suas ideias a forma de universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas (MARX; ENGELS, 2007, p. 48).

A partir dessa análise, as ideias da classe dominante – agricultores, comerciantes, industriais, intelectuais – para serem reconhecidas como válidas, encontrariam no discurso veiculado na Revista, as ideias de sua dominação, a naturalização de sua vontade, de sua razão, sua visão de mundo sobre o meio que a cerca.

Resultados

Na Tese desvelou-se o porquê da existência desse periódico como parte do capitalismo tipográfico (ANDERSON, 2008), sua simultaneidade de ideias, a produção de uma linguagem sobre a lavoura, o comércio e a indústria, de acordo com ideologias vigentes em uma escala global. Os discursos não operavam em um vazio cultural estavam interpenetrados por uma polifonia, várias vozes, consonantes e dissonantes, de maneira que não foi um discurso homogêneo, mas promoveu uma unidade discursiva acerca da forma e dos rumos que o campo deveria ser reestruturado, frente às novas demandas do capitalismo. Este modo de produção estava diluído entre signos e sinais da linguagem em meio a um discurso geográfico, histórico, com descrições, críticas, enaltecimento, mas, o seu substrato, a terra, não oferecia tantos problemas, a grande questão era a lavoura, a ação sobre o campo. No discurso na Revista, o campo era um simulacro, fértil, porém pouco aproveitado, no qual os trabalhadores rurais estavam escamoteados sob signos ideológicos, como indolentes, pouco aptos ao trabalho, e os produtores dos discursos, apesar das fissuras apontadas nas suas tentativas consideradas valorosas, independente de serem atendidas, apresentaram e defenderam suas ideias. Os discursos posteriores à Revista foram propostas cada vez mais fragmentadas, escamoteadas, e vinculadas às necessidades dos mercados internacionais. Algumas palavras repetem-se, mas como nova significação, novas questões agrárias travestem antigas questões.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 6. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- COHEN, Ilka. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.
- ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico**. Tradução Shirley Morales Gonçalves. São Paulo: Hucitec, 1996.

- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2006.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- MORAES, Antonio Carlos R. de. **Ideologias Geográficas**. Espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1991.
- PERIÓDICO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peri%C3%B3dico>. Acesso em 03/09/2010.
- PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução Jézio Hernani B. Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- SILVA, Rogério Souza. Visões do mundo exterior: imagens africanas e percepções européias nas revistas ilustradas brasileiras no início do século XX. **História Social**. Campinas. n. 11, p. 227-252, 2005.

Eixo de inscrição: Análise Agrária